

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS – SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA LICENCIATURA**

JESSICA TAMIRES ALVES NASCIMENTO

ALFABETIZAÇÃO DO AUTISTA NO ENSINO REGULAR

**Aracaju - SE
2020.1**

JESSICA TAMIRES ALVES NASCIMENTO

ALFABETIZAÇÃO DO AUTISTA NO ENSINO REGULAR

Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus como Trabalho de Conclusão de Curso e requisito básico para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Msc. Carla Daniela Kohn.

**Aracaju - SE
2020.1**

A ALFABETIZAÇÃO DO AUTISTA NO ENSINO REGULAR

JESSICA TAMIRES ALVES NASCIMENTO¹
CARLA DANIELA KOHN²

RESUMO

O conceito de autismo foi descrito em 1943 pelo psiquiatra Léo Kanner, de forma muito limitada, nas últimas décadas tivemos avanços em pesquisas sobre o autismo, o que ajuda na precisão do diagnóstico. A inclusão da criança autista no ensino regular é um direito garantido por lei, mas esse é um desafio, encontrar escolas na rede regular, capacitadas e habilitadas para atender as necessidades dessas crianças. Incluir socialmente e pedagogicamente são ações distintas, são poucas as escolas que trabalham com a inclusão, na maioria das vezes o que acontece é a integração do aluno numa turma regular, o que ainda é insuficiente, pois a educação é um direito de todos. Do ponto de vista teórico, esta pesquisa se fundamenta inicialmente nos trabalhos de Ciola & Fonseca (2014), Salamanca (1994), Stainback & Stainback (1999). E para tanto se estabeleceu como objetivo analisar a alfabetização da criança com autismo no ensino regular. Por meio da pesquisa bibliográfica realizada, observou-se que essa alfabetização têm se mostrado significativa, com o auxílio de estratégias de ensino. Sucintamente chega-se a conclusão de que, é essencial a existência de uma sociedade inclusiva que lute a favor das minorias, professores comprometidos com a educação, na busca de conhecimento sobre o autismo. Trabalhar a inclusão, não beneficia apenas esse público alvo, mas também contribui para o crescimento e desenvolvimento do próprio profissional e estudante que trabalha e pesquisa sobre o assunto.

Palavras-chave: Autismo. Estratégias de Alfabetização. Inclusão.

ABSTRACT

The concept of autism was described in 1943 by the psychiatrist Léo Kanner, in a very limited way, in recent decades we have made progress in research on autism, which helps in the accuracy of the diagnosis. The inclusion of the autistic child in regular education is a right guaranteed by law, but this is a challenge, finding schools in the regular network, trained and qualified to meet the needs of these children. Including socially and pedagogically are different actions, there are few schools that work with inclusion, most of the time what happens is the integration of the student in a regular class, which is still insufficient, because education is everyone's right. From a theoretical point of view, this research is based initially on the works of Stainback & Stainback (1999), Salamanca (1994), Ciola & Fonseca (2014). To that end, it was

¹ **JESSICA TAMIRES ALVES NASCIMENTO.** Sociedade de Ensino Superior Amadeus-Sesa. Faculdade Amadeus - Fama. Aracaju / Sergipe - Brasil. E-mail: jessicanascimento03@hotmail.com.

² **CARLA DANIELA KOHN.** Orientadora Professora Mestre da Sociedade de Ensino Superior Amadeus - Sesa. Faculdade Amadeus - Fama. Aracaju / Sergipe - Brasil. E-mail: carla-kohn@infonet.com.br.

established as an objective to analyze the literacy of children with autism in the regular education. Through the bibliographic research carried out, it was observed that this literacy has been shown to be significant, with the aid of teaching strategies. Briefly, the conclusion is reached that it is essential to have an inclusive society that fights for minorities, teachers committed to education, in search of knowledge about autism. Working towards inclusion, not only benefits this target audience, but also contributes to the growth and development of the professional and student who works and researches on the subject.

Key words: Autism. Literacy Strategies. Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende analisar a importância da inclusão da criança autista no ensino regular, com foco na alfabetização desta criança, mostrando um leque de possibilidades, através de estratégias como: TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits relacionados com a Comunicação), Sons e Gestos que Alfabetizam, PECS (Sistema de Comunicação por Troca de Figuras) e ABA (Análise do Comportamento Aplicada). Um fato preocupante é a falta de estudos sobre a avaliação do processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança com autismo contribuindo para a exclusão escolar.

Justifica-se a escolha da temática pelo interesse em buscar respostas de que através de um ensino estruturado é possível desenvolver processos como: cognitivo, motor, desenvolvimento ou aquisição da fala e a afetividade dessas crianças. É imprescindível que as instituições de ensino tenham professores (as) capacitados (as) para receber esses (as) alunos (as), pois se não houver profissionais capacitados não existe inclusão.

As instituições de ensino devem reconhecer as necessidades dos (as) alunos (as), assegurando-lhes assim um ensino de qualidade. É importante que a comunidade escolar esteja preparada para recebê-lo (a), com um plano de ensino que respeite a individualidade de cada um (a).

Para que a inclusão dessas crianças seja realizada com sucesso é necessário que tenha uma parceria entre a família, a equipe diretiva da escola e a equipe terapêutica. A necessidade do atendimento educacional especializado também se justifica em dar um norte aos educadores (as), no sentido de buscar novas estratégias de ensino, utilizando recursos pedagógicos variados que atenda as necessidades específicas de cada educando (a).

Ainda se justifica este trabalho pela contribuição científica que o mesmo traz para compreendermos melhor a questão da inclusão no âmbito escolar, muito embora existam outros trabalhos desta natureza, este abordará de modo específico um caso cuja análise irá apontar algumas considerações que podem ajudar pesquisadores (as) a entender o processo de inclusão dentro das especificidades aqui sugeridas.

Dentro dessa perspectiva questionou-se: Qual a importância da inclusão da criança com TEA no ensino regular? E como analisar a alfabetização, dessas crianças, através de estratégias como: Tecch, Sons e Gestos, Pecs, e ABA?

Nesse sentido, teve como objetivo geral: analisar a alfabetização da criança com TEA no ensino regular; e como específicos: mostrar estratégias pedagógicas; conhecer como estimular a autonomia da criança autista através das estratégias de ensino; verificar quão eficazes é essas estratégias.

Os procedimentos metodológicos utilizados nessa pesquisa de cunho qualitativo foi pesquisa bibliográfica para aprofundamento da temática apoiada em autores como Salamanca (1994), Stainback & Stainck (1999), dentre outros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Autismo

O TEA é um termo usado para apresentar diferentes transtornos do neurodesenvolvimento infantil. É comum o diagnóstico ser fechado quando ainda criança, mas vale salientar que o autismo não tem cura, ou seja, a pessoa que nasce com o transtorno do espectro autista terá essa condição em todas as etapas da sua vida.

Nos dias atuais, baseado na DSM-5 (2013), a comunidade médica observa o autismo com maior complexidade, envolvendo múltiplas etiologias com graus variáveis. O Transtorno do Espectro Autista é atualmente classificado em 3 níveis: autismo leve (1), autismo moderado (2), e autismo severo (3). (MORAL, SHIMABUKURO e MOLINA. 2017. P. 30).

Esse manual de diagnóstico estatístico de transtornos mentais é usado por profissionais da área da saúde, muitas pessoas ainda veem o autismo de duas formas, grave (uma criança sem perspectivas pedagógicas) ou leve (uma criança genial). O autismo não apresenta características físicas, podemos identificar quando

a criança não olha nos olhos e não responde aos comandos, não se comunica, empilha objetos, se isola, entre outros.

Quanto mais precoce for o diagnóstico, melhores serão seus rendimentos nas intervenções. Geralmente o diagnóstico é fechado até os três anos de idade. (BORBA e BARROS, 2018. p. 29).

A intervenção precoce está ligada a conquistas significativas para essas crianças, é primordial e essa deve ser estabelecida com o apoio de profissionais da saúde, educação e da família, essa parceria traz muitos ganhos para a criança com TEA.

Autismo é um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes desde idade muito precoce, tipicamente antes dos três anos de idade, com impacto múltiplo e variável em áreas nobres do desenvolvimento humano como as áreas de comunicação, interação social, aprendizado e capacidade de adaptação. (MELO, 2007. p.16).

De acordo com Ferreira (2016) o autismo é uma condição que vai do grau leve ao severo. É um distúrbio do comportamento que compromete três áreas do desenvolvimento que são elas: dificuldade de comunicação, de socialização e cognitiva.

A questão cognitiva da criança autista pode ser identificada na forma de brincar, nas mudanças de rotina como, mudança de residência, móveis, percursos e principalmente na dificuldade de aprender através de métodos tradicionais. Quanto maior o comprometimento cognitivo, maior será a dificuldade de socialização dessa criança.

O ser humano de maneira geral é social, em maior ou menor grau, e com o autista não é diferente. A escola é um ambiente natural para a relação entre pares, é um ambiente interativo, por isso é tão importante para o desenvolvimento interpessoal.

No que diz respeito à comunicação a criança pode ser verbal ou não verbal. Pode ser verbal e apresentar dificuldade no uso de gestos, ou uso de expressão facial, ou apresentar linguagem verbal não comunicativa (ecolalia). (FERREIRA, 2016).

Ainda conforme Ferreira (2016) a ecolalia pode ser classificada como imediata, que acontece quando a criança repete algo que foi falado de imediato, ou

ecolalia tardia, onde a criança repete frases ou palavras ditas há horas ou até mesmo há dias.

A dificuldade de socialização do autista deve ser trabalhada de forma multidisciplinar, quanto mais precoce o diagnóstico do autismo melhor o tratamento. (FERREIRA. 2016).

O convívio no ambiente escolar é uma ótima oportunidade para o desenvolvimento desses pequenos (as). É importante salientar que, a sala de aula deve ser um ambiente estruturado, que dê previsibilidade ao aluno (a), é necessário também que esteja livre de poluições visuais. (FONSECA; CIOLA, 2014).

Também se faz necessária a presença de uma mediadora, uma pessoa especializada que domine técnicas e estratégias que auxiliem na alfabetização dessa criança, atendendo suas necessidades. (LACERDA.2019).

No que se refere ao cognitivo da criança autista, é importante salientar que o melhor caminho para trabalhar essa questão cognitiva é através de acompanhamento multidisciplinar, a terapia com psicólogo (a), terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo (a), psicopedagogo (a) são indispensáveis. (FERREIRA. 2016).

É de suma importância o conhecimento sobre as características cognitivas do autismo, pois é um processo de aquisição de conhecimento e habilidades importantes como: linguagem, imaginação, raciocínio, atenção, associação.

Escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tal escola provê em uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional. (SALAMANCA 1994. p.1).

Quando um autista frequenta a sala de aula regular, deve-se ter consciência de que essa criança tem um ritmo de aprendizagem diferenciado, o (a) professor (a) deve ter a sensibilidade e um olhar diferenciado pois essas crianças aprendem de uma forma pouco convencional.

É necessário que as instituições de ensino tanto pública quanto privada tenham uma sala de recursos multifuncionais, e que nela atue um profissional especializado em AEE (Atendimento Educacional Especializado).

O profissional que atua em sala de recursos deve elaborar e organizar estratégias de ação com o intuito de potencializar o desenvolvimento das crianças com TEA. A sala de recurso de como objetivo intensificar o desenvolvimento de habilidades e estimulação cognitiva dos (as) alunos (as) que a frequenta, ofertando uma educação de qualidade e condições de igualdade para todos (as).

2.2 Entendendo o conceito de inclusão

Para que aconteça a inclusão é o sistema educacional e social que devem adaptar-se para receber a criança, e não ao contrário.

Uma escola inclusiva deve acolher todas as crianças, incluindo as autistas, independente de suas condições intelectuais ou físicas, deve oportunizar a todos (as).

No Brasil, a “Lei Berenice Piana” Lei 12.764, de 2012, que criou a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo, regulamentada pelo Decreto 8.368, de 2014 garante os direitos dos autistas e os equipara às pessoas com deficiência. A legislação, porém, não saiu minimamente do papel até agora. (REVISTA AUTISMO. P. 20).

E também segundo esta lei em seu artigo 7º destaca-se que o (a) gestor (a) que recusar a matrícula de um (a) aluno (a) com Transtorno Espectro Autista será punido com multa que pode chegar até vinte salários mínimos.

O ensino inclusivo é a prática da inclusão de todos, independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural, em escolas e salas de aula provedoras, onde todas as necessidades dos alunos são satisfeitas. (STAINBACK & STAINBACK, 1999, p. 21).

O processo de aprendizagem de cada criança é singular, assim sendo, devemos respeitar e valorizar as diferenças humanas, diversidades intelectuais, físicas, sociais, étnicas e culturais, tratando-as de forma igualitária.

Segundo Ribeiro (2019) diz que:

É direito de cada aluno a uma educação inclusiva que responda às suas potencialidades, expectativas e necessidades no âmbito de um projeto educativo comum e plural que proporcione a todos a participação e o sentido de pertença em efetivas condições de equidade, contribuindo assim, decisivamente, para maiores níveis de coesão social. (RIBEIRO. 2019. P. 35).

Diante disso temos que enxergar esses (as) alunos (as) como seres humanos e cidadãos com direito a educação. Entretanto, não tem como existir inclusão se a criança não possuir um apoio especializado e professores (as) capacitados (as).

Segundo a declaração de Salamanca de (1994, p. 4) “Educação Especial incorpora os mais do que comprovados princípios de uma forte pedagogia da qual todas as crianças possam se beneficiar.” A lei de diretrizes e bases prevê atendimento a alunos (as) com necessidades especiais nas escolas regulares, sejam elas públicas ou privadas, e a mesma deve ofertar estrutura pedagógica e física, assim como profissionais especializados (as).

Todos (as) têm o direito a educação e o direito de aprender juntos, mas a materialização de uma escola inclusiva é difícil, todos (as) devem estar atentos (as) na busca de novos recursos pedagógicos, de forma que oportunize e potencialize o processo não apenas pedagógico, mas também o social.

A educação de alunos com necessidades educativas especiais incorpora os princípios já comprovados de uma pedagogia saudável da qual todas as crianças podem beneficiar, assumindo que as diferenças humanas são normais e que a aprendizagem deve ser adaptada às necessidades da criança, em vez de esta a ter de se adaptar a concepções predeterminadas, relativamente ao ritmo e à natureza do processo educativo. (SALAMANCA. 1994. P.7).

A prática inclusiva demanda uma estrutura organizada, com profissionais comprometidos que respeitem os limites e valorize as potencialidades inerente ao ser humano. O currículo deve ser diferenciado para que as necessidades desses (as) alunos (as) sejam fomentadas.

2.3 Estratégias de ensino

Alfabetizar uma criança autista é uma tarefa difícil, o autismo é um espectro, por tanto nenhum autista é igual a outro, todos (as) tem sua particularidade, cada um tem um ritmo de aprendizagem.

Uma qualidade fundamental ao professor (a), é ser diligente, pois a diversidade nas salas de aula é cada vez maior.

O docente deve estar sempre atento (a) na busca de estratégias de ensino. Alguns métodos como o Aba, Pecs, Teacch e o Sons e Gestos vem trazendo bons resultados não apenas no aspecto pedagógico, mas também no aspecto social.

2.4 ABA

ABA (Applied Behavior Analysis) Análise do Comportamento Aplicada, é um termo científico do Behaviorismo, ou seja, uma ciência que estuda o comportamento humano e sua relação com a aprendizagem e o ambiente. (LEAR, 2004, p. 4). Em 1938 B. F. Skinner lançou um livro “The Behavior of Organisms” (O Comportamento dos Organismos) nomeando-o como comportamento operante, utilizando assim o processo de modificação do comportamento, com a finalidade de contribuir com o processo de aprendizagem. (LEAR, 2004, p. 4).

Análise do comportamento Aplicada (Applied Behavior Analysis) ABA, é um termo advindo do campo científico do Behaviorismo, que observa, analisa e explica a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem (LEAR. 2004. P. 4).

De acordo com o manual de Treinamento em ABA, esta é uma terapia que deve ser aplicada de forma individualizada, com sessões de 30 a 40 horas semanais. Trata-se de uma metodologia de ensino intensivo que visa a preparação de sujeitos para a autonomia, a independência dessas crianças para que tenham um bom convívio social. (LEAR, 2004).

O currículo a ser efetivamente seguido depende de cada criança em particular, mas geralmente é amplo; cobrindo as habilidades acadêmicas, de linguagem, sociais, de cuidados pessoais, motoras e de brincar. (LEAR. 2004. P. 5).

As habilidades citadas por LEAR (2004) consistem em: leitura, escrita e conceitos matemáticos, no que desrespeito a questão acadêmica, o ABA, tem sido muito eficaz, um verdadeiro divisor de águas para essas crianças com atraso no desenvolvimento.

Habilidades sociais, contato visual e comunicação de forma funcional, atividades de vida diária, como ir ao banheiro, lavar as mãos, escovar os dentes, vestir-se sozinho (a), entre outras coisas que a criança aprende a fazer com autonomia. Essas habilidades são trabalhadas de forma gradual, começando por habilidades básicas, até alcançar as mais complexas. (LEAR. 2004. P.10).

Para Todorov e Hanna (2010) o ABA tem o propósito de fazer com que a criança generalize o que ela aprendeu nas seções individuais, levando esse conhecimento para o seu dia a dia, no convívio escolar, familiar, entre outros locais que ela venha a frequentar.

Essa generalização citada por Todorov, tem como objetivo assegurar a aprendizagem de novas habilidades, não apenas no âmbito escolar ou clínico, como também no convívio familiar e social.

A função primordial do ABA, é que por meio do ensino de um-para-um, ou seja, aluno professor, a criança possa generalizar o que aprendeu, levando esse conhecimento para o seu cotidiano.

Os avanços da ABA enquanto uma ciência aplicada tem sido restritos no Brasil devido a uma maior ênfase em investigações e treinamento em pesquisa básica dos princípios do comportamento e pouco investimento em pesquisa e treinamento sobre a aplicação destes princípios para promover comportamentos socialmente importantes (TODOROV; HANNA. 2010. P. 143).

É importante trabalhar o ABA de forma naturalista, assim a criança irá apresentar esse aprendizado em todos ambientes que frequentar. E necessário que a comunidade científica promova pesquisas na área da análise do comportamento.

2.5 TEACCH

Desenvolvido na década de sessenta por Eric Schopler e seus colaboradores, o método Teacch trabalha com a ideia de que a rotina, uma sala de aula estruturada, sinalizada, pode promover mudanças na pessoa com TEA. (MELLO, 2016).

Todas as pessoas tem potencial para aprender, para que haja uma aprendizagem significativa, as crianças com TEA precisam de um currículo adaptado. Com um programa individual, o Teacch trabalha com previsibilidade, auxilia na questão da ansiedade, memória sequencial e organização do ambiente, como também contribui para o processo de aquisição da linguagem e autonomia do (a) educando (a). (FERREIRA, 2016).

Fonseca e Ciola (2014) recomendam que exista uma parceria entre indivíduos que fazem parte da vida diária do aluno com TEA, dessa forma o processo de elaboração do planejamento com base no currículo para distinguir os materiais, atividades e adaptações serão feitas de forma efetiva.

O Teacch é um programa com atividades acessíveis, os materiais concretos podem ser produzidos com recursos encontrados em casa, e que provavelmente seriam jogados no lixo.

As dicas visuais são imprescindíveis, pois fortalecem o foco atencioso, minimizando as distrações e comportamentos inapropriados, principalmente em salas de aula comum. (FONSECA; CIOLA, 2014). A aprendizagem da criança com TEA acontece quando, estas tem acesso a uma sala de aula estruturada, com rotinas organizadas. A criança autista necessita de informações visuais, por isso o Teacch trabalha com agendas, trazendo previsibilidade para o (a) educando (a).

Essa previsibilidade reduz a sobrecarga sensorial da criança, tornando o ambiente escolar um lugar mais agradável (FERREIRA, 2016). O autista tem uma percepção diferente do ambiente, por isso é necessário que as salas de aula sejam organizadas, sem poluição visual como, cartazes e excesso de imagens decorativas nas paredes. Outra opção é a criança sentar longe da porta e de qualquer objeto que possa ser um distrativo para essa criança.

A agenda traz essa previsibilidade, uma rotina organizada para nortear essas crianças, de modo a saber o que ocorrerá no decorrer do seu dia. Essas agendas são compostas por objetos, fotos, pictogramas ou com fichas de palavras, e essa elaboração depende do nível de compreensão de cada criança. (FERREIRA, 2016).

O Programa Teacch procura entender como a pessoa com autismo pensa, vive, aprende e responde ao ambiente, a fim de promover aprendizagem com independência, autonomia e funcionalidade (FONSECA; CIOLA, 2014).

Na perspectiva educacional, o foco do programa TEACCH está no ensino capacitado de comunicação, organização e partilha social. Assim, centra-se nas áreas fortes... Processamento visual, memorização de rotinas e interesses especiais. O programa deve ser sempre adaptado a níveis de funcionamento diferente e as necessidades de cada pessoa. (FONSECA. 2004. P.18).

O método Teacch proporciona bem estar ao educando (a), tendo em vista que esse método traz previsibilidade que é essencial em todos os ambientes que essa criança frequenta, o Teacch estabelece uma rotina diária, cuida da organização do ambiente, promovendo rotinas visuais com um ensino estruturado que facilita a compreensão da criança, proporcionando aprendizagem com independência, autonomia e funcionalidade.

2.6 Sistema de Comunicação por Troca de Figuras - Pecs

De acordo com Ramos (2011) os déficits na área da comunicação são uma das maiores preocupações no caso de pessoas com autismo que afetam a compreensão e a expressão, o gestual e a linguagem falada.

Algumas crianças com autismo apresentam ausência da fala, ou tem um repertório limitado. Em muitos casos essa ausência da fala pode ser confundida com surdez. Tem um contato visual pobre e apresenta ausência na imitação.

O Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS) é um método alternativo, que auxilia na aquisição da fala, também é importante para a interação e autonomia da criança.

Acredito que ensinando uma comunicação funcional ao aluno, este conseguirá expressar-se em relação ao mundo ao seu redor e uma vez que essa comunicação passe a ser compreendida, ele irá interagir melhor com as pessoas com quem convive. (VIEIRA. 2019. P. 14).

O Pecs tem o objetivo de estimular não apenas a comunicação verbal, mas também a interação da criança, facilitando a comunicação expressiva dando-lhe funcionalidade, foi desenvolvido em 1985 como resposta à dificuldade em usar com sucesso diversos programas de treinamento em comunicação com alunos (as) pequenos (as) com autismo. Originalmente foi desenvolvido para uso de crianças em idade pré-escolar com Transtornos do Espectro Autista (TEA) e outros transtornos em comunicação social que não apresentam fala funcional ou socialmente aceitável. (RAMOS, 2011).

O PECS trabalha com atividades e materiais funcionais e pode ser utilizado com o aluno que tenha fala suplementando-a como comunicação aumentativa e / ou como método de comunicação alternativa, quando a fala não se desenvolveu ou foi perdida. Visa espontaneidade e generalização. Quanto mais fatores de generalização forem considerados, melhor comunicador o aluno será. (RAMOS. 2011. P. 36).

O Pecs pode ser utilizado também por crianças que verbalizam, mas apresenta uma comunicação não funcional, expandindo assim o seu vocabulário. Existem crianças com o vocabulário rico, mas não tem autonomia para iniciar uma conversa, então esse método auxilia também nesse sentido, para que a criança comunique-se de forma espontânea.

É importante observar se o (a) aluno (a) realmente domina as habilidades ensinadas através de atividades estruturadas, pois só pode-se afirmar que realmente contemplou essas habilidades através do PECS quando generaliza, ou seja, quando utiliza o que aprendeu no seu dia a dia. Essa ferramenta é muito importante pois possibilita não apenas a comunicação independente, como também ensina a esperar, a pedir ajuda, a aceitar o não, e em alguns casos, a comentar o que vê e o que ouve. (RAMOS. 2011. P. 36).

2.7 Sons e Gestos

Segundo Teixeira e Marques (2007) cada aluno (a) tem seu ritmo de aprendizagem, nem todas as crianças aprendem da mesma maneira, e com o autista não é diferente. O (A) professor (a) é um (a) facilitador (a) no processo de aprendizagem, deve estar sempre atento (a) as necessidades dos (as) alunos (as), uma peça chave no processo de inclusão, por isso devem estar munidos de conhecimentos, e buscar estratégias que melhor se adequem às necessidades dos (as) mesmos (as).

A estratégia Sons e Gestos que alfabetizam vem trazendo resultados significativos na alfabetização do autista, com a ideia de combinar diferentes estimulações (auditiva e visual, visual, tátil, cinestésica/gestual e gráfica), tendo em vista facilitar a comunicação e, por consequência, o aprendizado de crianças, jovens e adultos que possuem dificuldade na leitura e escrita, como é o caso de pessoas com certas deficiências como a Síndrome de Down e Autismo. Essas iniciativas constituíram a chamada estratégia multissensorial. (TEIXEIRA, MARQUES, 2007).

Nem todos (as) aprendem da mesma maneira, podendo assim utilizar mais um sentido que o outro, e a estratégia citada acima, traz essa facilidade, pois os sentidos são trabalhados simultaneamente, auxiliando assim na linguagem oral, escrita e corporal. A fonoaudióloga e professora Adriana Teixeira, é uma das criadoras da estratégia Sons e Gestos que Alfabetizam. Essa estratégia combina diferentes estimulações, são elas: a auditiva e visual (associação do som ao animal/objeto que o produziu); visual (modo como esse som é elaborado pelos órgãos fonoarticulatórios, tais como lábios, língua e palato); tátil (presença ou ausência da vibração laríngea e ressonância nasal); cinestésica/gestual (gesto que

lembra o animal/objeto que produz aquele som), e gráfica (associação do grafema ao objeto/animal, seu som e gesto correspondente). (TEXEIRA, MARQUES, 2007).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma com que muitos veem o autismo é obsoleta, a falta de informação ainda é grande. Muitos acreditam que autista é aquela criança genial, ou a que não tem perspectivas educacionais. O autismo é um espectro então, jamais deve-se pensar que existe dois autistas iguais, cada um tem suas particularidades e essas devem ser respeitadas. Não tem cura, os critérios diagnósticos não mudam, o que muda são os sintomas e comportamentos, isso mediante o uso de medicamentos e intervenções precoces.

Toda criança tem direito a educação, e se a criança não aprende através dos métodos tradicionais, deve-se mudar essas estratégias, encontrar e valorizar o potencial de cada um (a). Alfabetizar uma criança autista não é uma tarefa fácil, é necessário que os (as) profissionais tenham qualificação e boa vontade para que exista uma aprendizagem significativa.

É de suma importância a elaboração de um currículo individualizado, para que as particularidades educacionais dessa criança sejam atendidas. As estratégias e programas de ensino vem mudando de forma efetiva no processo de ensino e aprendizagem, mostrando um mundo de possibilidades, e trazendo uma melhor qualidade de vida para essas crianças, as que tem acesso a essas estratégias estão tendo êxito não apenas no ambiente escolar, mas no convívio social.

Referente a alfabetização do (a) autista, é necessário ter consciência de que, esta deve acontecer de forma global. Esse processo deve envolver a família, equipe pedagógica e a equipe terapêutica. Assim é possível encontrar êxitos não só na perspectiva pedagógica, como também no campo social e verbal.

Nesse contexto foi possível observar que, as estratégias de ensino citadas no presente artigo são essenciais para que haja uma educação inclusiva, que oportunize e faça valer o direito a educação de crianças com TEA no ensino regular.

Assim sendo, conclui-se com a afirmativa de que, é importante estar atentos no sentido de entender as necessidades pedagógicas de cada educando (a), atendendo e respeitando suas peculiaridades.

REFERÊNCIAS

BORBA, M. M. C.; BARROS, R. S. **Ele é autista: como posso ajudar na intervenção?** Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico- comportamental ao autismo. **Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC)**, 2018.

BRASIL, Constituição da República Federativa do. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. 1998. LEI Nº 13.146, de 6 de Julho de 2015.** Disponível em: http://www.punf.uff.br/inclusao/images/leis/lei_13146.pdf. Acesso em 15 abril 2020.

FONSECA, Maria Elisa; CIOLA, Juliana de Cássia. Vejo e Aprendo: **Fundamentos do Programa TEACCH.** O Ensino Estruturado para Pessoas com Autismo. 1º edição. Book Toy, 2014.

LACERDA, Lucelmo. **(MEDIÇÃO ESCOLAR).** 2019. Disponível em: <https://www.revistaautismo.com.br/artigos/mediador-escolar-quem-tem-direito/>. Acesso em 15 de abril de 2020.

LEAR, Kathy. **Manual da Análise do Comportamento Aplicada.** Toronto, Ontario – Canada, 2a edição, 2004.

MELO Ana Maria S. R. **AUTISMO GUIA PRATICO 8ª EDIÇÃO.** 2016.
 _____ . **AUTISMO GUIA PRATICO 7ª EDIÇÃO.** 2007.

MORAL, Adriana; SHIMABUKURO, Estela. Hosoe; MOLINA, Eder. Cassola. **ENTENDENDO AUTISMO.** 2017.

RAMOS, Carolina. Comunicação e PECS **(Picture Exchange Taylor Communication System)** IN Revista Autismo. 2011.

REVISTA AUTISMO. São Paulo. Ano V. Nº 8. mar. 2020, p.20.

RIBEIRO, Eduardo. **Revista Autismo Nº4.** 2019, p. 35.

STAINBACK, S. STAINBACK, W. Inclusão: **um guia para educadores.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

TEIXEIRA, Adriana; MARQUES, Luís Henrique. Estratégia multissensorial para facilitar alfabetização de crianças, jovens e adultos com dificuldade de aprendizagem. **Um passo fundamental para a inclusão social.** Revista Cidade Nova Nº 9 - setembro de 2006; enviada à Rede SACI em 02/12/2007.

FERREIRA, P. T. Patricia. **A Inclusão da Estrutura TEACCH na Educação Básica.** 2016.

TODOROV, J. C.; HANNA, E. S. Análise do comportamento no Brasil. **Psicologia: teoria e pesquisa**. v. 26, p. 143-153, 2010.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. São Paulo: Biblioteca Virtual de Direitos Humanos/USP, 2003.

VIEIRA, SORAIA. **Revista Autismo Nº4**. 2019. P. 14.